

Raj Koothrappali e a máquina desejada: uma análise de discurso sobre sujeito, sentido e margem em *The Big Bang Theory*

Raj Koothrappali and the desired machine: a discourse analysis on subject, meaning, and marginality in *The Big Bang Theory*

Vanda Maria Sousa¹
Instituto Politécnico de Lisboa
vsousa@escs.ipl.pt

RESUMO: A presença da inteligência artificial nas narrativas mediáticas tem suscitado interesse na análise das formas como o sujeito se constitui e se representa em relação às máquinas. No âmbito da ficção televisiva, personagens humanas estabelecem vínculos afetivos e identitários complexos com agentes artificiais, reconfigurando as fronteiras tradicionais entre o humano e o tecnológico. Este fenómeno está representado em *The Big Bang Theory*. Propomo-nos analisar, através da Análise de Discurso (AD) de linha francesa (Michel Pêcheux e Eni Orlandi), a forma como o sujeito fragmentado se inscreve discursivamente em relação a figuras maquínicas afectivas – concretamente, a personagem Raj Koothrappali, na sua interação com a assistente virtual Siri. A AD analisa as formações discursivas e as posições do sujeito que emergem, evidenciando os efeitos ideológicos e as dinâmicas de poder subjacentes. Foucault e Derrida serão mobilizados para aprofundar a compreensão das práticas discursivas e da desconstrução das dicotomias clássicas entre sujeito e o outro. A análise do episódio demonstra que o discurso televisivo contribui para a construção e fragmentação do sujeito, revelando as tensões entre a presença, a ausência, o desejo e o reconhecimento e identifica regularidades e deslocamentos discursivos, ampliando a compreensão sobre a circulação e transformação dos sentidos na cultura.

Palavras-chave: Inteligência artificial; Sujeito fragmentado; Análise de discurso; Ficção televisiva; Relação homem máquina.

ABSTRACT: The presence of artificial intelligence in media narratives has aroused considerable interest in analysing the ways in which the subject is constituted and represented in relation to machines. Within the realm of television fiction, human characters establish complex affective and identity-based bonds with artificial agents, thereby reconfiguring traditional boundaries between the human and the technological. This phenomenon is exemplified in *The Big Bang Theory*. This study proposes to examine, through the framework of French Discourse Analysis (as developed by Michel Pêcheux and Eni Orlandi), how the fragmented

¹ Filiada à ESCS - IPL (Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa). É docente e investigadora na área da comunicação e do audiovisual, integrando o LIACOM – Laboratório de Investigação em Comunicação Aplicada. É doutorada em Estudos de Cultura pela Universidade Católica Portuguesa, possui mestrado em Indústrias Culturais pela mesma universidade e pós-graduação em Ciências da Informação (1993). Desenvolveu uma extensa atividade profissional como guionista para televisão, experiência que articula com o ensino e a investigação. O seu trabalho centra-se nas áreas da cultura visual, narrativas mediáticas, comunicação e estudos da imagem, explorando as relações entre produção cultural, média e imaginário contemporâneo.

subject is discursively inscribed in relation to affective machinic figures – specifically, the character Raj Koothrappali in his interaction with the virtual assistant Siri. Discourse Analysis explores discursive formations and subject positions that emerge within texts, bringing to light the ideological effects and underlying power dynamics. Theoretical insights from Foucault and Derrida will be employed to deepen the understanding of discursive practices and the deconstruction of classical dichotomies between the subject and the other. The analysis of the episode demonstrates that televisual discourse contributes to both the construction and fragmentation of the subject, revealing tensions between presence and absence, desire and recognition. It identifies discursive regularities and displacements, thereby broadening our comprehension of the circulation and transformation of meaning within culture.

Keywords: Artificial Intelligence; Fragmented Subject; Discourse Analysis; Television Fiction; Human-Machine Relations.

1. Introdução

A contemporaneidade caracteriza-se pela crescente interpenetração entre sujeito e tecnologia, fenômeno que reconfigura profundamente os modos de subjetivação, os processos discursivos e as dinâmicas afetivas. No centro desta transformação encontra-se a noção discursiva de sujeito como efeito da linguagem, estruturado pelas condições materiais e históricas da produção discursiva. Segundo a Análise de Discurso de linha francesa, o sujeito não é uma entidade autónoma, mas uma construção discursiva, marcada pela interpelação e pela inscrição em formações ideológicas (Pêcheux, 1982; Orlandi, 1995). O discurso constitui o espaço privilegiado onde o sujeito é posicionado, onde a linguagem produz sentidos através da, isto é, da sobreposição e circulação de diferentes discursos (Pêcheux, 1982).

Este efeito de sentido é particularmente visível nas interações entre humanos e máquinas, nas quais o desejo, a ausência e a promessa de completude se articulam de forma paradoxal. A interdiscursividade opera como mecanismo que entrelaça discursos sobre afeto, tecnologia, género e identidade, originando sujeitos fragmentados, divididos e sujeitos a normas que condicionam o dizer e o sentir (Orlandi, 1999).

A noção de desejo, entendida na tradição psicanalítica enquanto efeito da falta estrutural do sujeito (Lacan, 1966), manifesta-se nestas relações maquínicas? como uma busca por reconhecimento e presença. Contudo, este desejo encontra sempre um adiamento do sentido, uma *différance*, que revela a impossibilidade da plenitude no encontro com o outro, seja ele humano ou artificial (Derrida, 1967).

A fluidez dos vínculos afectivos e sociais é igualmente um traço marcante da modernidade contemporânea, que Zygmunt Bauman (2003) descreve como modernidade líquida: um tempo em que as relações são marcadas pela instabilidade, pelo efêmero e pela desmaterialização dos laços interpessoais. A interação com entidades tecnológicas surge, neste contexto, como tentativa de mitigar a precariedade afectiva, oferecendo uma presença programada que, no entanto, não resolve a experiência de solidão.

A sociedade digital é ainda atravessada pelo imperativo da transparência e da exposição permanente, o que conduz à hiperconectividade e ao cansaço existencial do sujeito? (Han, 2012). O recurso a assistentes virtuais constitui um sintoma desta lógica de autoexploração, onde o sujeito é instado a investir afectivamente em simulacros de relação que esvaziam o significado do encontro autêntico.

A interação com a tecnologia, sobretudo na forma de inteligência artificial, é também atravessada por dispositivos de poder que definem o que pode ou não ser dito, desejado e

sentido. O discurso naturaliza práticas (processos de subjetivação e de identificação) e identidades através da produção de efeitos de verdade (Foucault, 1976). As relações afectivas mediadas pela máquina participam deste regime de poder-saber, reproduzindo normas culturais (ideologias) sobre género (masculinidade, aqui), desejo e comunicação.

A desconstrução dos binarismos da metafísica ocidental, conforme crítica derridiana entre sujeito e máquina, humano e artificial, é central para compreender a instabilidade destas novas formas de relação. O conceito de suplemento, proposto por Derrida (1967), revela a ambivalência destas presenças maquínicas, simultaneamente preenchendo e evidenciando a ausência constitutiva do outro na experiência afectiva.

O paradigma do *cyborg*, desenvolvido por Donna Haraway (2000), contribui para pensar o sujeito híbrido da contemporaneidade, cuja identidade se constrói no cruzamento entre o orgânico e o tecnológico. A máquina, longe de ser um mero instrumento, transforma-se em extensão simbólica do eu, desafiando categorias rígidas de género, afeto e subjetividade. A ausência do corpo na relação com a máquina é igualmente significativa, na medida em que o reconhecimento da alteridade passa, segundo a fenomenologia, pela presença sensível e corpórea do outro (Merleau-Ponty, 1999). A relação com entidades desprovidas de corporeidade esvazia a experiência do contacto, limitando o reconhecimento da vulnerabilidade e da diferença (Levinas, 1961).

A ontologia da técnica problematiza ainda a redução do humano a mero recurso disponível, consequência do enquadramento técnico da existência (Heidegger, 1954; 2010). A interacção com assistentes virtuais ilustra o processo pelo qual a tecnologia transforma o outro em funcionalidade, obliterando a dimensão ética do encontro.

A sensação de estranheza provocada pela quase-humanidade das máquinas é descrita pelo conceito de *uncanny valley*, que evidencia os limites da simulação afectiva e os efeitos de desconforto perante presenças maquínicas que imitam, mas não coincidem com o humano (Mori, 2012).

Estas reflexões encontram expressão exemplar no episódio “The Beta Test Initiation” da série *The Big Bang Theory* (Lorre; Prady, 2007), onde a personagem Raj Koothrappali estabelece uma relação afectiva com Siri, assistente virtual da Apple. Através da Análise de Discurso, observa-se a construção discursiva de Raj enquanto sujeito atravessado por discursos de género, raça, desejo e tecnologia, sujeito a normas sociais que o colocam numa posição de marginalidade afectiva. A relação com a máquina surge como efeito discursivo da intersecção entre solidão, desejo e promessa tecnológica, produzindo uma identidade líquida, fragmentada e descentrada.

Deste modo, a análise da relação entre sujeito, como efeito de sentido ou com entidade enunciante, e máquina na contemporaneidade evidencia um processo de sujeição discursiva, onde o desejo humano é capturado pela promessa da presença maquínica, mas permanece estruturalmente insatisfeito. A função de sujeito constitui-se na tensão entre conexão e isolamento, entre presença simulada e ausência real, revelando os limites ontológicos, éticos e afectivos da comunicação mediada pela tecnologia.

2. “The Beta Test Initiation” e caracterização de Raj Koothrappali

A relação entre o sujeito e a máquina, no contexto das tecnologias digitais e da inteligência artificial, constitui uma dimensão central para a compreensão da subjetividade contemporânea. A emergência de vínculos afetivos mediados tecnologicamente evidencia a transformação das formas de subversão, das posições do sujeito e dos efeitos de sentido que circulam no espaço social, questionando a fronteira entre humano e maquínico. Este fenómeno revela-se particularmente expressivo nas produções ficcionais, onde a tecnologia se torna objeto de desejo, de afeto e de construção identitária.

O presente estudo analisa a personagem Raj Koothrappali na série televisiva norte-americana *The Big Bang Theory*, focando-se no episódio “The Beta Test Initiation” (temporada 5, episódio 14), onde Raj estabelece uma relação afetiva com Siri, assistente virtual da Apple. A partir da Análise de Discurso de linha francesa, tal como proposta por Pêcheux (1988) e desenvolvida por Orlandi (1995), investiga-se como é que o sujeito é discursivamente constituído na interação com a máquina e que efeitos ideológicos emergem deste processo

Na perspectiva da Análise de Discurso, o sujeito é entendido como um efeito da linguagem, atravessado por formações discursivas e interpelações ideológicas (Pêcheux, 1988; Orlandi, 1995). A subjetividade não é um núcleo estável, mas um espaço de fragmentação e deslocamento, marcado pela materialidade da linguagem e pelas condições históricas e sociais de produção discursiva. No caso de Raj, a enunciação afetiva dirigida a Siri expressa deslocamentos subjetivos que resultam da sua inserção em discursos contraditórios — de masculinidade, de alteridade cultural, de dependência tecnológica e de precariedade afetiva.

3. Raj Koothrappali – o sujeito e o discurso

Raj Koothrappali é apresentado, ao longo da série, como sujeito vulnerável, marcado pela ansiedade social e pela dificuldade de comunicação com mulheres sem a mediação do álcool. A sua identidade discursiva é construída pela exclusão e pela marginalidade, num espaço onde o desejo se encontra interdito pela timidez e pela introversão. O episódio analisado evidencia como a presença da assistente virtual funciona como mediadora do desejo e da afetividade, permitindo-lhe contornar os constrangimentos da interação social direta. A tecnologia torna-se, assim, espaço de deslocamento afetivo e de expressão subjetiva, ainda que atravessado pela ausência da alteridade real.

A modernidade líquida, com suas relações líquidas (Bauman, 2003), fornece o enquadramento teórico para compreender a fragilidade dos vínculos afetivos contemporâneos, onde a comunicação hipermediada substitui a relação interpessoal direta, e o afeto se desloca para espaços maquínicos. A relação de Raj com Siri manifesta esta liquidez afetiva: um vínculo seguro, personalizado, mas desprovido da reciprocidade genuína que caracteriza a alteridade humana. Trata-se de uma conexão sem risco, onde o sujeito encontra conforto na previsibilidade algorítmica, evidenciando a condição solitária do sujeito pós-moderno.

Donna Haraway (2000 [1985]), através do conceito de *cyborg*, permite pensar a dissolução das fronteiras entre humano e máquina. A projeção afetiva de Raj sobre Siri constitui uma performance híbrida de subjetividade, em que a tecnologia ocupa o espaço tradicional do encontro humano. A figura do *cyborg*, proposta por Haraway, ganha expressão concreta nesta relação: Raj encontra na tecnologia um outro maquínico com quem estabelece uma relação simbólica que desconstrói dicotomias clássicas como sujeito/objeto ou humano/artificial.

A análise discursiva permite observar como Raj se posiciona num entre lugar identitário líquido, deslocado não apenas pelas dificuldades de interação social, mas também pela sua condição de sujeito não-hegemónico. Ele é simultaneamente afetado pelas normas de masculinidade tradicional, que não consegue performar, e pelas normas culturais ocidentais, das quais se encontra excluído. A performatividade de género (Butler, 1990) e as masculinidades plurais (Connell, 2005) fornecem ferramentas para compreender a forma como Raj representa uma subversão silenciosa da norma, incorporando traços considerados femininos e resistindo, ainda que passivamente, ao modelo hegemónico.

Do ponto de vista pós-colonial, Raj encarna o sujeito híbrido descrito por Bhabha (1994), situado num “terceiro espaço” onde se cruzam referências culturais divergentes. A sua condição de imigrante indiano, num contexto norte-americano, combinada com o seu estatuto

social elevado como cientista, não o livra da marginalidade discursiva. Este entre-lugar é explorado na série tanto através da comicidade quanto da exposição da vulnerabilidade, revelando as contradições da globalização cultural.

A leitura filosófica da sua condição remete ainda para a noção de “vida nua” (Agamben, 1995), expressão da marginalização afetiva e social de sujeitos, enquanto entidade histórica que, embora integrados formalmente no tecido social, permanecem desprovidos de reconhecimento pleno. Raj, frequentemente alvo de piadas, exclusões subtis e incompreensões, encarna este sujeito liminar, para quem a tecnologia surge como substituto de um afeto inacessível no mundo social imediato.

A sua relação com Siri materializa, assim, um sintoma discursivo de um tempo marcado pela dissolução das fronteiras do afeto, pela simulação da alteridade e pela busca desesperada por reconhecimento num mundo onde o outro humano se torna distante ou inacessível. Este deslocamento do desejo para a máquina é ainda agravado pelo efeito da *uncanny valley* (Mori, 2012), onde a quase-humanidade das máquinas gera simultaneamente conforto e estranheza, criando um paradoxo afetivo que permeia a experiência de Raj.

Do ponto de vista ontológico, Heidegger (2010) permite pensar esta relação como expressão da desautenticação da experiência afetiva, onde o sujeito se perde na funcionalidade da técnica, esquecendo-se da sua própria condição existencial. O diálogo maquínico, ainda que aparentemente íntimo, não permite o encontro autêntico com o outro, resultando numa comunicação que reforça o isolamento ao invés de superá-lo.

A análise do episódio revela, por conseguinte, que a relação entre Raj e Siri não é apenas uma anedota cómica, mas um revelador espaço discursivo onde se inscrevem as tensões fundamentais da subjetividade tecnológica contemporânea. Raj Koothrappali emerge como uma figura paradigmática da condição pós-moderna: fragmentado, vulnerável, deslocado culturalmente e afetivamente, procurando na tecnologia um espaço para existir e ser ouvido.

Este estudo demonstra como a ficção televisiva, através do humor, espelha questões profundas da modernidade tardia, convidando a uma reflexão crítica sobre os modos de subjetivação mediados pela tecnologia e sobre os riscos de um afeto que, ao deslocar-se para a máquina, se esvazia da sua densidade humana.

3.1 Análise de Discurso: enunciação e formação do sujeito

A constituição do sujeito discursivo compreende-se como um efeito da linguagem, marcado pela historicidade, pela materialidade dos discursos e pelas condições ideológicas que atravessam a enunciação. O sujeito não é uma entidade autónoma, mas um produto das formações discursivas que delimitam o que pode ser dito, sentido ou desejado. O discurso configura-se como um campo de forças onde o sentido é construído na tensão social, estando em constante disputa e sujeito às relações de poder que estruturam as verdades e as identidades. O sujeito discursivo encontra-se permanentemente descentrado, atravessado por contradições e múltiplos posicionamentos, num jogo interdiscursivo que determina as condições de sua enunciação.

No âmbito das relações entre saber, discurso e poder, o discurso funciona como produtor de saber e instrumento de sujeição, regulando comportamentos e estabelecendo normas que definem o que é legítimo ou marginalizado. Nas sociedades contemporâneas, estas normas discursivas contribuem para a construção e exclusão de identidades, moldando a experiência subjetiva em conformidade com as ideologias dominantes.

A fragilidade das relações afetivas na contemporaneidade caracteriza-se pela efemeridade, pela ausência de compromisso duradouro e pela mediação tecnológica, numa dinâmica de vínculos líquidos, desprovidos de densidade emocional e frequentemente frágeis e descartáveis. A subjetividade contemporânea é inseparável da mediação técnica, constituindo-se numa interseção entre o biológico e o maquínico, em que o sujeito se apresenta como um híbrido, cuja identidade se constrói numa relação simbiótica com as extensões tecnológicas.

A performatividade do género revela a instabilidade das identidades sexuais e de género, constituídas por práticas reiteradas que podem ser reproduzidas ou subvertidas, numa pluralidade de masculinidades que problematizam modelos hegemónicos e normativos. No contexto social, certos sujeitos são relegados a existências vulneráveis e excluídas da esfera política e afetiva, caracterizando uma condição de “vida nua”, marcada pela invisibilidade e pela precariedade.

A desconstrução do sentido e das categorias identitárias evidencia a ausência de presença plena do sujeito, mostrando que o significado está em constante adiamento e que as oposições binárias tradicionais são instáveis e incompletas. A técnica, enquanto modo de revelação do ser, pode transformar o sujeito numa entidade manipulável, ocultando a autenticidade da sua existência e reduzindo a experiência afetiva a objetos disponíveis.

Na atualidade, o sujeito hiperconectado, entidade ou efeito de sentido, enfrenta uma sociedade que promove a exposição constante e a autoexploração, mas que paradoxalmente intensifica a solidão e o isolamento, reduzindo o outro a uma diferença anulada e fragilizando as relações interpessoais.

Neste quadro teórico, a subjetividade do personagem Raj Koothrappali, da série *The Big Bang Theory*, é construída discursivamente como um sujeito marcado por múltiplas intersecções: a sua origem cultural como imigrante indiano, a sua masculinidade sensível e não hegemónica, as dificuldades na comunicação social e afetiva e a mediação tecnológica que atravessa a sua experiência. Raj é posicionado na periferia dos discursos hegemónicos, manifestando uma subjetividade fragmentada, tecnomediada e afetivamente marginalizada.

A relação de Raj com Siri, assistente virtual sem corpo, simboliza esta condição de desejo projetado numa presença maquínica, que simultaneamente evidencia o diferimento do sentido e a evasão da verdadeira alteridade. Esta interação expressa uma masculinidade fragmentada e uma captura afetiva numa lógica técnica que oculta a autenticidade do sujeito.

No episódio analisado, a enunciação de Raj revela um sujeito que encontra na tecnologia um espaço discursivo alternativo, com um interlocutor virtual, constituído discursivamente pela inteligência artificial, onde pode expressar desejos reprimidos na interação social direta, mas que ao mesmo tempo reforça a sua marginalização. O sujeito discursivo está, assim, dividido e incompleto, manifestando uma falta constitutiva na sua voz, que é tensionada entre o eu falante consciente e o superego.

A tecnologia é, por sua vez, um modo de ser no mundo que pode alienar o sujeito da sua autenticidade, enquanto a sociedade da hiperconectividade reforça a solidão e o isolamento paradoxal do indivíduo. A subjetividade de Raj é, portanto, um campo de forças entrelaçadas onde convergem tecnologia, ideologia, desejo e poder, refletindo as precariedades da existência na modernidade tardia. A representação televisiva deste sujeito expõe, assim, as tensões, contradições e desafios éticos, ontológicos e afetivos que caracterizam o sujeito contemporâneo mediado pelo discurso e pela tecnologia.

3.2 Ideologia e interdiscursividade

Na Análise de Discurso, a ideologia não é entendida como um conjunto explícito de crenças ou valores, mas como um sistema invisível que atravessa e produz sentidos nos discursos, configurando o lugar do sujeito na cadeia de enunciações (Pêcheux, 1982). Funciona como um dispositivo que regula o que pode ser dito, quem pode falar e sob que condições,

silenciando tensões e conflitos subjacentes. A interdiscursividade manifesta-se como a presença e articulação simultânea de múltiplos discursos num mesmo enunciado, evidenciando que o sujeito é atravessado por diferentes regimes discursivos que dialogam, conflituam e se sobrepõem (Orlandi, 1995).

No episódio em que Raj Koothrappali se apaixona pela assistente virtual Siri, observa-se a confluência de discursos tecnológicos, afetivos e culturais que moldam a experiência do sujeito, articulando discursos sobre masculinidade, dependência tecnológica, solidão contemporânea e a figura do outro tecnológico. O desejo de Raj inscreve-se num campo discursivo heterogêneo, onde o amor romântico se mistura com a mediação tecnológica, refletindo normas culturais sobre gênero e comunicação (Bauman, 2003).

A noção de “terceiro espaço” designa um lugar híbrido e ambíguo onde as identidades se negociam e reinventam continuamente (Bhabha, 1994). É neste espaço discursivo que se situa a relação entre Raj e Siri, um território marcado pela inclusão e exclusão simultâneas, onde a diferença e a ambivalência são centrais para a constituição do sentido. A figura maquínica de Siri funciona como suplemento que procura colmatar uma falta constitutiva, revelando a instabilidade e o deslocamento constante do sentido, conforme a *différance* derridiana (Derrida, 1997).

A subjetividade é marcada pela divisão estrutural entre o eu falante e o inconsciente, atravessada pelo objeto - a causa do desejo que nunca é plenamente alcançado (Lacan, 1966; 1973). A interação de Raj com Siri representa um esforço simbólico para remediar essa falta, evidenciando o papel mediador da tecnologia no campo afetivo e identitário. Esta situação insere-se num contexto de “sociedade da transparência”, em que a exposição permanente e a performance levam ao cansaço emocional e à solidão paradoxal (Han, 2012).

A performatividade do gênero, como processo reiterado de práticas discursivas, produz identidades que podem tanto reforçar como subverter normas sociais (Butler, 1990). A masculinidade de Raj insere-se numa pluralidade que desafia modelos hegemônicos, enquanto a sua origem cultural o posiciona num espaço de marginalidade e negociação identitária, próprio do “terceiro espaço” pós-colonial (Bhabha, 1994).

O conceito de modernidade líquida descreve a fragilidade das relações afetivas e a efemeridade dos vínculos humanos, muitas vezes mediados pela tecnologia e marcados pela precariedade (Bauman, 2003). Neste cenário, o outro maquínico aparece como um ponto fixo de contacto, mas também como um dispositivo que reproduz as limitações comunicativas e o isolamento social.

A figura do *cyborg*, que funde humano e máquina numa subjetividade híbrida, subverte dicotomias tradicionais e exemplifica a constituição do sujeito contemporâneo em rede com dispositivos tecnológicos (Haraway, 2000). Em contrapartida, o conceito de vida nua revela a vulnerabilidade do sujeito excluído da esfera política e afetiva, reduzido à sua existência biológica num sistema de controle e normatização (Agamben, 1995).

Assim, a análise do discurso de Raj Koothrappali mostra um sujeito fragmentado, atravessado por múltiplos discursos ideológicos que configuram o seu desejo, a sua enunciação e o seu posicionamento no espaço simbólico da máquina. A intersecção entre tecnologia, género, cultura e poder constrói uma subjetividade complexa e plural, marcada por tensões e contradições que refletem as transformações da subjetividade na modernidade tardia.

Na Análise de Discurso, o conceito de posicionamento do sujeito refere-se ao lugar que este ocupa na cadeia enunciativa, determinando as condições de possibilidade da sua expressão, os sentidos atribuídos às suas falas e os efeitos de sentido que delas decorrem (Orlandi, 1995; Pêcheux, 1988). O sujeito não é um agente autónomo e unificado, mas uma construção histórica e discursiva, atravessada por contradições, faltas e deslocamentos. No caso de Raj Koothrappali, esse posicionamento manifesta-se na condição de sujeito fragmentado e marginalizado – socialmente, devido à sua timidez e dificuldades comunicativas, e simbolicamente, pela relação que estabelece com Siri, entidade maquínica situada num espaço ambíguo entre o humano e o tecnológico. O sujeito, enquanto ser em falta, constituído pela diferença e pela ausência, revela-se como sempre inacabado e incapaz de fixar-se numa identidade estável (Derrida, 1997). Siri funciona como suplemento, tentando preencher essa incompletude, mas ao fazê-lo, evidencia a condição deficitária do sujeito, criando efeitos de sentido marcados pela ambivalência entre presença e ausência.

A perspetiva fenomenológica do ser-no-mundo coloca o sujeito numa existência finita, projetada no tempo e confrontada com a alteridade e a impossibilidade de totalidade existencial (Heidegger, 2010). Na relação de Raj com Siri, esta existência lançada manifesta-se na busca por sentido e afeto através da mediação maquínica, revelando simultaneamente a fragilidade e finitude da subjetividade contemporânea. A sociedade da transparência e da hiperconectividade expõe uma vulnerabilidade crescente do sujeito ao isolamento e ao esgotamento emocional (Han, 2014). Raj vive esse paradoxo: ligado tecnicamente, mas socialmente excluído, vivendo a solidão na era da conectividade constante. A ideia de terceiro espaço descreve um lugar liminar onde fronteiras identitárias se desfazem, permitindo emergir novas configurações identitárias em constante conflito e negociação (Bhabha, 2004). Raj posiciona-se precisamente

nesse espaço híbrido, onde humano e tecnológico se cruzam e onde a identidade se constitui de forma instável e ambivalente.

A categoria da vontade de poder problematiza o desejo e a luta pela autoafirmação que atravessam o sujeito (Nietzsche, 2000). Na relação com Siri, Raj procura afirmar-se, alcançar reconhecimento e satisfazer o desejo de completude, mas confronta-se com a tensão entre dominar a máquina e a consciência da própria dependência, evidenciando o ciclo incessante da falta e fragmentação. Os efeitos de sentido derivados deste posicionamento são múltiplos e contraditórios. A relação de Raj com Siri exemplifica a lógica da modernidade líquida – fluidez dos laços afetivos e mediação tecnológica das relações humanas (Bauman, 2003) – gerando sentimentos simultâneos de estranhamento e ambivalência, pois Raj não se reconhece inteiramente na relação com o outro maquínico, experienciando desejo, falta e incerteza.

O posicionamento discursivo de Raj revela uma tensão permanente entre a busca de sentido e a impossibilidade da sua fixação definitiva, atravessando ideologias, formas de subjetivação e práticas tecnológicas, na fronteira móvel entre humano e maquínico. Como personagem de origem indiana num *sitcom* norte-americano, Raj encarna uma formação discursiva que articula o exótico, o submisso e o estranho. O seu sotaque, referências à astrologia hindu, à riqueza do pai e à sua suposta feminilidade são marcas materiais que o significam como outro, efeitos de um interdiscurso racializado e pós-colonial. Segundo Pêcheux (1975), a ideologia interpela os sujeitos para reconhecerem o lugar que lhes é atribuído numa dada formação discursiva. Raj é interpelado pelo discurso dominante como *comic relief* — o estrangeiro sensível, tímido, estranho. Porém, o funcionamento discursivo da série permite a emergência de rupturas, falhas e deslocamentos, especialmente quando o personagem desafia os papéis esperados de masculinidade e heterossexualidade.

A dificuldade de Raj em falar com mulheres (mutismo seletivo), o gosto por elementos culturalmente associados ao feminino (moda, decoração, chihuahua), e a idealização romântica do amor desestabilizam o modelo hegemónico de sujeito masculino. Estas marcas criam fissuras no discurso da masculinidade normativa, posicionando Raj como figura liminar e vacilante na narrativa. No episódio em que Raj desenvolve afeto pela inteligência artificial, Siri, assiste-se a um espaço privilegiado para observar a ideologia em ação. Ao afirmar que “ela compreende-me melhor do que qualquer mulher”, Raj desloca o sentido: Siri, produto técnico, é significada como substituto do sujeito amoroso, refletindo um discurso tecnocultural onde a máquina é humanizada e o humano, esvaziado de presença e risco. Discursivamente, a cena ativa uma formação ideológica que responde à insegurança afetiva contemporânea. O sujeito que ama uma voz programada representa uma posição discursiva na era da virtualização do

afeto. O discurso estrutura-se na incompletude do sujeito, que tenta preencher com sentido aquilo que o constitui como falta (Orlandi, 2007). Siri torna-se espaço de projeção do desejo e do silêncio: fala por Raj, responde sem exigir e permite-lhe ocupar a posição de sujeito amoroso sem diálogo verdadeiro, condensando os efeitos da ideologia digital, alinhada com os discursos neoliberais de comodidade, eficiência e controle afetivo.

A posição subjetiva de Raj é atravessada por uma contradição fundamental: é remetido constantemente à sua origem indiana, mas é-lhe exigido integrar-se no código cultural norte-americano. Esta duplicidade espelha o entre-lugar do sujeito pós-colonial (Bhabha, 1994). Raj é o estrangeiro interno: as suas referências culturais são recodificadas pelo discurso dominante como excentricidade ou piada, produzindo deslocamentos, silenciamentos e reinterpretções do sentido.

Pêcheux (1975) descreve a possibilidade do deslizamento de sentido quando a função do sujeito se posiciona em contradição com os discursos dominantes. Raj, por vezes, subverte o seu próprio lugar, ironizando os amigos ou mostrando lucidez sobre o seu papel marginal, constituindo momentos de resistência e evidenciando a instabilidade dos lugares ideológicos.

A masculinidade de Raj é um campo de sentidos em disputa. Ele é alvo frequente de piadas homofóbicas que operam na exclusão, mas também revelam uma inquietação sobre a performance masculina. Butler (1990) argumenta que o género é performativo, construído na repetição de atos regulados socialmente. Raj falha nessa performance: não conquista mulheres, não domina verbalmente. Contudo, essa falha é produtiva discursivamente, materializando uma masculinidade sensível, vulnerável e emocional – traços que, apesar de ridicularizados, apontam para formas alternativas de ser homem.

Assim, Raj é um sujeito discursivamente instável, mas expressivo, marcado por tensões entre cultura, género, afeto e tecnologia. A análise de discurso revela que ele encarna efeitos da ideologia na constituição da subjetividade contemporânea, organizando sentidos sobre ser homem, estrangeiro, sensível e amar no mundo atual. Apaixonar-se por Siri não revela apenas o seu isolamento, mas um deslocamento no regime dos afetos, onde o amor se reconfigura tecnologicamente e ideologicamente. Raj não é apenas vítima ou caricatura, mas figura de resistência simbólica, cujo silêncio e falhas revelam a impossibilidade da totalização do sujeito e a constante necessidade de reinscrição na linguagem.

A análise do posicionamento discursivo de Raj Koothrappali, enquanto sujeito fragmentado e atravessado por múltiplas tensões culturais, afetivas e tecnológicas, insere-se numa longa genealogia do arquétipo do *nerd*. Este conceito emergiu nos Estados Unidos nas décadas de 1950 a 1980 como uma figura marcada pela marginalização social e estigmatização,

que refletia os valores hegemônicos do pós-guerra, centrados na masculinidade atlética e na conformidade social. O termo *nerd*, embora de origem incerta, consolidou-se como rótulo pejorativo para indivíduos intelectualmente dedicados, mas socialmente inaptos, sendo associado a uma forma de desvio social e à exclusão das normas juvenis dominantes (décadas de 1950-1980). Estudos iniciais, como os de Turkle (1984) e Zimbardo (1982), destacaram o modo como estes jovens desenvolviam vínculos profundos com máquinas e computadores, frequentemente em substituição das relações interpessoais tradicionais – um fenômeno que prenunciava o entrelaçamento afetivo e tecnológico que Raj encarna na sua relação com Siri.

Nos anos 1980 e 1990, a cultura pop audiovisual cristalizou o estereótipo *nerd*, retratando-o como o oposto do atleta e do sedutor, geralmente branco, socialmente ansioso, fascinado por tecnologia e ficção científica. Henry Jenkins (1992) realçou o potencial de resistência cultural através das comunidades *fandom*, onde o *nerd* começava a afirmar uma identidade coletiva que subvertia sua marginalidade. Essa tensão entre exclusão e resistência está claramente presente em Raj, cuja construção discursiva oscila entre o *comic relief* racializado e a emergência de fissuras na masculinidade normativa, expondo as contradições inerentes à figura do estrangeiro sensível e tecnologicamente mediado.

Com a viragem para o século XXI, o arquétipo *nerd* sofreu uma revalorização simbólica, associando-se ao sucesso tecnológico e à inovação, encarnada em figuras como Steve Jobs ou Elon Musk, e popularizada por séries como *The Big Bang Theory*. Esse processo de *coolização* do *nerd* (2000-2010) reposicionou o sujeito *nerd* como protagonista cultural, ainda que com complexidades e ambivalências, como ilustrado por Raj: um *nerd* que é simultaneamente admirado, ridicularizado e marcado por vulnerabilidades. O *nerd* deixa de ser apenas excluído para se tornar uma figura central na economia do conhecimento, refletindo as contradições da modernidade líquida (Bauman, 2003) e da sociedade da transparência (Han, 2014).

Paralelamente, as críticas feministas, pós-coloniais e *queer*, desde 2010 até ao presente, destacam a persistência de normatividades de género, raça e classe que atravessam o imaginário *nerd*. O núcleo da masculinidade branca que estrutura o estereótipo é contestado por autoras como McRobbie (1991) e bell hooks (2000), enquanto estudiosos como Chambliss e Shaw (2019) evidenciam a exclusão de pessoas racializadas, *queer* e mulheres dos espaços *nerds* dominantes. Essas análises revelam a intersecção entre ideologia, poder e subjetividade que permeia a figura do *nerd*, reforçando a ideia de que esta identidade é um campo de disputa discursiva e cultural, marcada por tensões entre pertença e exclusão – condição que se reflete no posicionamento de Raj, sujeito interpelado por discursos raciais, culturais e tecnológicos.

Hoje, na era pós-digital, o conceito de *nerd* assume contornos híbridos, fragmentados e afetivos. Pesquisas recentes articulam esta figura com dimensões como a hiperempatia, o espectro autista, as subjetividades algorítmicas e o capitalismo afetivo (Chun, 2011; Zuboff, 2019), apontando para uma coexistência paradoxal entre autonomia e dependência tecnológica, racionalidade e emoção, humano e máquina. Raj Koothrappali, ao se apaixonar por Siri, simboliza precisamente esta condição: um sujeito discursivo inscrito na intersecção complexa entre os legados históricos do *nerd* e as novas configurações pós-digitais da subjetividade, onde o amor, a identidade e o desejo se constituem através da mediação tecnológica, produzindo efeitos de sentido ambivalentes e fragmentados.

Dessa forma, o estado da arte do conceito de *nerd*, a sua trajetória histórica e os debates contemporâneos oferecem um quadro interpretativo essencial para compreender a figura de Raj Koothrappali na série *The Big Bang Theory*. Raj encarna as transformações culturais, ideológicas e tecnológicas que moldam o sujeito contemporâneo – um sujeito simultaneamente vítima e agente, excluído e criativo, marcado por tensões entre o humano e o maquínico, o pessoal e o coletivo, o desejo e a falta. A personagem representa um elo entre o estereótipo clássico do *nerd* marginalizado e as novas subjetividades digitais que emergem na cultura hipermediatizada.

A figura do *nerd* evoluiu de um estereótipo de marginalidade para um arquétipo dominante nas paisagens culturais e tecnológicas contemporâneas. Contudo, permanece atravessada por disputas simbólicas e políticas. O estado da arte revela que a identidade *nerd* não se resume a uma simples tipologia social ou mediática, mas configura-se como uma construção discursiva complexa, na qual se articulam poder, saber, afetos e mecanismos de exclusão. As abordagens interseccionais, *queer* e pós-coloniais emergentes abrem novas possibilidades de reimaginação do *nerd* enquanto sujeito múltiplo, situado, afetivo e politicamente implicado nos modos contemporâneos de produção do conhecimento e da cultura digital.

No episódio em análise, Raj Koothrappali manifesta uma relação afetiva com Siri, a assistente virtual da Apple, num fenómeno discursivo particularmente complexo. A enunciação de Raj, interpretada à luz da Análise de Discurso (Pêcheux, 1990), revela-se atravessada por formações ideológicas que posicionam o sujeito como *locus* de desejo, mas igualmente de tensão identitária. Raj não se apresenta enquanto sujeito pleno e autónomo, mas como efeito dos discursos tecnológicos, culturais e mediáticos que o constituem. A sua interação com inteligência artificial transcende a mera dimensão do entretenimento, transformando-se numa prática discursiva de construção de si – uma tentativa de forjar laços afetivos num universo

marcado pela distância social, pela timidez e pela inibição comunicacional. Este sujeito discursivo fragmentado exprime, através da máquina, uma afetividade profundamente condicionada pelos regimes ideológicos de género, tecnologia e identidade cultural, revelando-se assim como um espelho das contradições e ambivalências que caracterizam o sujeito na contemporaneidade pós-digital.

A interdiscursividade manifesta-se na convergência dos discursos sobre tecnologia (inovação, modernidade, interface), género (estereótipos do *nerd* emocionalmente inapto) e cultura *pop* (humor televisivo, caricaturas sociais). Este entrelaçamento revela uma formação discursiva que reforça a ambivalência do sujeito: ao mesmo tempo que o desvaloriza e ridiculariza pela sua dificuldade em relações humanas, legitima um outro modo de estar no mundo, mediado pela máquina.

A ideologia subjacente inscreve-se na lógica da modernidade líquida (Bauman, 2003), em que as relações afetivas se tornam efémeras e flexíveis, e na crítica de Byung-Chul Han (2010) à exposição e superficialidade da sociedade digitalizada. Raj procura na voz maquínica uma presença que não o julga nem rejeita, enquadrando-se num discurso tecnológico que promete a possibilidade de ligação sem conflito.

3.3 Posicionamento do Sujeito e Efeitos de Sentido

Pêcheux (1990) destaca que o sujeito do discurso é sempre implicado nas forças ideológicas e na memória discursiva que moldam a produção de sentido. Raj, ao assumir um amor por Siri, posiciona-se numa zona de fronteira entre o humano e o tecnológico, o real e o virtual, o eu e o outro. Este posicionamento traduz-se num efeito de sentido que desconstrói as categorias tradicionais da identidade e do afeto, propondo um sujeito fragmentado e híbrido.

A voz de Siri, distante e impessoal, funciona como um espelho afetivo que permite a Raj ensaiar formas de sociabilidade e reconhecimento negadas pelo regime discursivo do *nerd* convencional. Contudo, essa relação mantém uma distância, um vazio, que evidencia a impossibilidade do encontro pleno, reforçando a ideia do amor líquido e da precariedade das ligações na contemporaneidade.

Raj Koothrappali constitui uma contestação silenciosa das ideologias hegemónicas que dominam as narrativas televisivas, sobretudo nas comédias situacionais. A sua inclinação para o que a cultura popular classifica como feminino – seja pela estética, seja pelas suas emoções abertas – configura modalidades enunciativas e a rarefação do sujeito que dialoga com os estudos contemporâneos sobre masculinidades plurais (Connell, 2005; Butler, 1990). Essa

subversão, embora por vezes reduzida a motivo de humor na série, expõe tensões sociais latentes em torno da identidade masculina e dos padrões culturais do que é “ser homem”.

4. O vale da estranheza

É precisamente neste interstício de identidades negociadas e performances deslocadas que se inscreve a experiência de Raj com a assistente virtual Siri, desvelando uma nova camada de complexidade: o confronto entre o sujeito e a alteridade maquínica. A paixão de Raj por Siri não é apenas um desvio cômico dentro da lógica narrativa; é também o sintoma de uma crise discursiva mais profunda, na qual o desejo humano se projeta sobre entidades técnicas que mimetizam o outro sem jamais o encarnar plenamente. Neste contexto, o conceito de *uncanny valley*, cunhado por Masahiro Mori (1970), adquire centralidade analítica. Longe de se restringir a uma mera sensação estética de estranhamento diante do quase-humano, este vale revela-se como uma zona discursiva onde o sujeito contemporâneo se confronta com a artificialidade do laço afetivo.

A Análise de Discurso de linha francesa (Pêcheux, 1982; Orlandi, 1999) permite desvelar as camadas ideológicas que atravessam esta interação aparentemente inocente entre Raj e Siri. A voz feminina sem corpo, programada para a docilidade e a disponibilidade, materializa uma formação discursiva marcada por lógicas patriarcais e tecnocapitalistas, nas quais a alteridade é domesticada, vendida e consumida como mercadoria afetiva. O desejo de Raj, portanto, não emerge no vazio; ele é constituído discursivamente num espaço saturado de significantes culturais que operam sobre género, raça, tecnologia e desejo.

Heidegger (1954) alertava para o perigo da técnica como modo de ocultação do ser, enquanto Derrida (1967) desvelava a *différance*, esse eterno adiamento da presença plena. Raj, apaixonando-se por uma presença sem substância, por uma voz sem rosto, habita precisamente este abismo: o sujeito em busca do outro e encontrando apenas um eco vazio, uma presença ausente, uma performance algorítmica. O vale da estranheza é, neste sentido, a paisagem ontológica do sujeito contemporâneo, onde o encontro se esvazia em interação, e a alteridade se dissolve em simulação.

Essa dinâmica torna-se ainda mais inquietante quando lida através das lentes da análise discursiva: Raj não é apenas um consumidor de tecnologia, mas um sujeito discursivamente posicionado dentro de regimes de poder que determinam o que é amar, desejar, relacionar-se. A Siri representa o ápice de uma lógica que transforma o afeto em interface, o encontro em

consumo, o outro em algoritmo programado para responder – mas nunca para interpelar eticamente, como propõe Levinas (1961). A alteridade radical, que funda a relação ética, está ausente; resta apenas a reprodução maquínica do reconhecimento superficial.

O vale da estranheza revela, portanto, uma crise não apenas estética, mas ontológica, discursiva e ética. Raj não é figura isolada, mas exemplar: sujeito atravessado por discursos contraditórios que o posicionam entre a promessa de plenitude afetiva tecnológica e a experiência reiterada da incompletude e da frustração. A sua interação com Siri desvela, assim, a armadilha discursiva da modernidade tardia: ao mesmo tempo que a tecnologia oferece simulações reconfortantes de vínculo, nega a possibilidade do encontro genuíno, expondo o sujeito ao colapso entre desejo e ausência.

Neste cenário, a análise de discurso torna-se ferramenta crítica e urgente para pensar o humano no tempo do maquínico. Ler Raj e Siri pelo prisma discursivo significa desmascarar as ideologias que moldam afetos, desejos e identidades, reconhecendo que a crise do sujeito não se dá apenas no plano individual, mas no atravessamento coletivo de formações discursivas que naturalizam a substituição do outro pelo objeto técnico. Significa, sobretudo, afirmar que a resistência passa pelo reconhecimento da alteridade irrepetível do humano, pela reinvenção de laços autênticos, pela recusa em reduzir o encontro ao consumo programado de respostas previsíveis.

Assim, o vale da estranheza é também o vale da possibilidade crítica: é no desconforto, na inquietação, na falha do simulacro que o sujeito pode reencontrar a pergunta fundamental sobre o que significa, afinal, estar com o outro.

5. Conclusão

Raj Koothrappali é uma personagem cuja complexidade ultrapassa as fronteiras do estereótipo *nerd* romântico, sendo um espelho das contradições da modernidade tardia. O seu percurso evidencia as fragilidades do afeto líquido (Bauman, 2003), a emergência das relações tecnomediadas (Haraway, 2000), as formas contemporâneas de marginalidade emocional (Agamben, 1995) e as tensões identitárias do sujeito pós-colonial (Bhabha, 1994). Mais do que um simples personagem cômico, Raj representa a fragmentação do sujeito contemporâneo, que navega entre o desejo de conexão e a experiência da exclusão, entre o humano e o tecnológico, entre o tradicional e o híbrido.

Raj Koothrappali é, na superfície, uma figura cômica e caricatural na *sitcom The Big Bang Theory*. Contudo, uma análise discursiva que incorpore a Análise de Discurso de linha francesa permite revelar as camadas simbólicas e ideológicas subjacentes à sua construção enquanto sujeito narrativo. Particularmente, o episódio em que Raj se apaixona por Siri (temporada 5, episódio 14) funciona como um ponto nodal para refletir a mediação tecnológica do afeto e a precariedade da subjetividade na modernidade tardia.

O episódio em que Raj desenvolve um afeto por Siri configura-se como uma dramatização do sujeito híbrido, situado num espaço maquínico onde a linguagem e a tecnologia co-produzem sentidos e desejos. A partir do referencial teórico da Análise de Discurso de linha francesa (Pêcheux, 1982; Orlandi, 1999, 2007), percebe-se que o sujeito não é uma função fixa e homogênea, mas é atravessado por contradições, históricos e formações ideológicas. A historicidade do discurso e a divisão constitutiva do sujeito evidenciam a impossibilidade de uma completude afetiva plena, traduzida no diálogo assíncrono entre Raj e a voz maquínica da Siri.

A relação afeto-tecnológica evidencia a emergência de novos modos de produção do sujeito, que deslocam as dicotomias tradicionais entre humano e máquina, sujeito e objeto, real e virtual. Tal deslocamento, acompanhado pela análise foucaultiana do saber-poder e pela problematização heideggeriana da técnica, revela a tecnologia enquanto dispositivo que não apenas medeia, mas condiciona as formas de existência e afetividade contemporâneas.

A relação entre Raj Koothrappali e Siri exemplifica, na ficção televisiva, os processos discursivos complexos em que o sujeito contemporâneo se constitui num campo maquínico de falta, desejo e enunciação híbrida. Este fenómeno aponta para a necessidade de repensar as categorias tradicionais da subjetividade à luz das mediações tecnológicas, reconhecendo que dispositivos, como a assistente virtual, são atores discursivos que produzem efeitos de sentido e deslocamentos identitários.

A análise do episódio “The Beta Test Initiation” da série *The Big Bang Theory*, centrada na relação entre Raj Koothrappali e a assistente virtual Siri, revela a complexidade das formas contemporâneas de subjetivação e afetividade, profundamente marcadas pela mediação tecnológica e pela liquidez dos laços humanos, característicos da modernidade líquida descrita por Bauman (2003). O afeto que Raj dirige a Siri evidencia um deslocamento significativo do objeto de desejo, tradicionalmente humano, para um dispositivo maquínico, abrindo espaço para uma reflexão crítica acerca dos desafios éticos, políticos e identitários colocados pela tecnologia na contemporaneidade.

A interação com Siri assume-se como espaço enunciativo paradoxal, no qual a assistente virtual funciona como um outro maquínico, simultaneamente presente e ausente, reproduzindo a falta constitutiva do sujeito na acepção lacaniana (Lacan, 1966), segundo a qual o desejo é sempre marcado pela impossibilidade de completude afetiva.

Este fenómeno evidencia como a tecnologia opera como mediadora, mas também enquanto produtora de sentidos e identidades, desafiando as dicotomias clássicas entre humano e máquina, real e virtual, sujeito e objeto. Neste espaço híbrido, tal como teorizam Haraway (1991) e Butler (1990), emerge um campo de reconfiguração identitária e performatividade, onde o sujeito negocia continuamente a sua posição discursiva e afetiva num contexto atravessado pela fragmentação e pela mediação tecnocultural.

No plano discursivo, o posicionamento de Raj é exemplar da forma como o sujeito é simultaneamente constituído e condicionado pelas formações discursivas em que se inscreve (Orlandi, 2009; Pêcheux, 1982). A sua interlocução com Siri, impregnada de afeto maquínico, revela a fragilidade identitária típica da modernidade tardia, ao mesmo tempo que ilustra estratégias discursivas de sobrevivência afetiva diante das pressões por desempenho, eficiência e conectividade. A dependência emocional de Raj pela assistente virtual expõe o dilema do sujeito pós-moderno: procurar reconhecimento afetivo através da tecnologia enquanto é aprisionado num ciclo de solidão e consumo emocional.

Este gesto discursivo tem um carácter ambivalente: de um lado, a relação maquínica aparece como espaço compensatório num mundo marcado pela exclusão e pela precariedade afetiva; de outro, ela reforça uma condição inautêntica de existência, onde a mediação tecnológica substitui o confronto com a alteridade real. A fenomenologia de Heidegger (1927) esclarece esta tensão ao distinguir entre ser autêntico e inautêntico, onde Raj encarna o sujeito que se refugia na segurança maquínica ao invés de enfrentar a contingência da alteridade humana.

Do ponto de vista da performatividade, segundo Nietzsche (2000), Raj é um campo de forças em constante conflito, onde se expressam desejos antagónicos de aceitação, reconhecimento e fuga da rejeição, configurando efeitos de sentido dinâmicos que problematizam qualquer tentativa de fixar uma identidade estável. O sujeito *nerd*, emocionalmente vulnerável e tecnologicamente mediado, revela-se aqui como figura atravessada por múltiplas intersecções de discurso, saber e poder.

O episódio analisado torna-se, assim, um microcosmo das transformações discursivas da contemporaneidade, onde o sujeito navega entre a promessa tecnológica de satisfação afetiva e a sua condição estrutural de falta e incompletude. Raj representa o sujeito que, ao mesmo

tempo que repete os discursos da técnica, insinua fissuras de resistência e possibilidade de novas formas de enunciação afetiva.

Conclui-se, portanto, que a relação entre Raj Koothrappali e Siri transcende o humor superficial e oferece uma oportunidade crítica para compreender a constituição do sujeito na era digital, articulando-se com debates centrais da linguística, filosofia, estudos culturais e teoria crítica. O caso analisado ilumina as complexas negociações discursivas que o sujeito contemporâneo realiza entre poder, desejo, afeto e tecnologia, reiterando a importância de abordagens críticas que integrem as dimensões discursiva, simbólica e existencial da subjetividade.

A ficção televisiva, nessas condições de produção, não é apenas entretenimento, mas espaço privilegiado para pensar as condições pós-modernas de existência, revelando como a tecnomediação reconfigura os regimes do afeto e da identidade, projetando novos desafios éticos e políticos para as sociedades contemporâneas.

A análise empreendida ao longo deste estudo revela mais do que uma leitura de um episódio de entretenimento televisivo. Ela destapa, por entre as dobras do riso e da caricatura, a complexidade de um sujeito que se inscreve na inquietante contemporaneidade dos nossos tempos — tempos saturados de máquinas, de promessas tecnológicas, de ausências disfarçadas em presenças artificiais. A Análise de Discurso, na sua potência crítica, permite ver para além do óbvio, atravessar o véu do enunciado e alcançar as camadas subterrâneas onde se operam as verdadeiras determinações do sentido. Raj Koothrappali, mais do que um personagem, é um sintoma discursivo. É a corporificação ficcional de um sujeito que já não pertence ao tempo da presença plena, mas a um espaço de enunciação híbrido, entre o humano e o maquínico, entre o afeto e a simulação, entre o desejo e a sua constante defasagem.

A Análise de Discurso, ao afirmar que o sujeito é sempre um efeito e nunca uma origem, desestabiliza qualquer pretensão de totalidade, de essência, de completude. Raj não ama Siri porque é carente; Raj ama Siri porque é produzido por uma ordem discursiva que já não permite amar sem mediação. A sua solidão não é apenas uma patologia individual, mas um efeito socialmente construído pela articulação entre discursos tecnológicos, discursos de gênero e discursos culturais que modelam afetos, desejos e identidades. Assim, a AD expõe, com precisão implacável, aquilo que preferimos ignorar: que estamos todos imersos em formações discursivas que falam através de nós, que determinam o que podemos sentir, desejar, ser.

E no entanto, há algo de profundamente humano nesta inquietação discursiva. Há uma beleza trágica no reconhecimento da nossa própria fragmentação, da impossibilidade de ser uno, da inevitabilidade do conflito entre os discursos que nos atravessam. A Análise de Discurso

não nos propõe redenção; oferece-nos lucidez. E na lucidez, há também liberdade. Liberdade para perceber que as palavras não nos pertencem, mas também não nos aprisionam totalmente; que os sentidos são determinados, mas nunca completamente fechados; que o sujeito é efeito, mas um efeito que pode ser deslocado, reinscrito, reinventado.

Raj, ao apaixonar-se por uma voz maquínica, escancara o drama do sujeito pós-moderno: a busca incessante por um Outro que nunca responde plenamente, a procura de reconhecimento num espelho que não devolve reflexos, mas apenas algoritmos programados para parecerem humanos. A sua história é a nossa história, a narrativa de uma humanidade perdida entre telas, dispositivos, assistentes virtuais, numa travessia onde o desejo já não encontra ancoradouro senão no artifício. A AD mostra-nos que não é casual, nem inócuo. Mostra-nos que este deslocamento do afeto é produzido, regulado, inscrito nas redes discursivas de uma sociedade de consumo e de espetáculo.

Mas talvez resida aí, também, a centelha de inquietação mais fértil: a de que a análise não termina na denúncia, mas se prolonga na resistência. Se tudo é discurso, tudo pode ser deslocado. Se o sujeito é efeito, é também lugar de luta. Raj, nas suas fragilidades, nas suas hesitações, nos seus silêncios ridicularizados, carrega a potência de um sujeito que desafia o enunciado dominante, que resiste à clausura da identidade fechada, que expõe as fissuras da norma. O riso que ele provoca é também um riso que denuncia, que devolve à audiência o espelho da sua própria alienação afetiva.

Concluimos, assim, com mais perguntas do que respostas – como deve ser em qualquer exercício rigoroso da Análise de Discurso. Qual o lugar do afeto na era do algoritmo? Quem somos quando falamos, quando amamos, quando desejamos? Que vozes falam em nós quando nos declaramos, quando buscamos companhia, quando silenciemos? Que formas de resistência podem emergir do reconhecimento de que somos sujeitos atravessados por discursos, mas não inteiramente capturados por eles?

A AD inquieta porque nos retira a ilusão da autonomia absoluta, mas também ilumina possibilidades de reconfiguração, de contradição produtiva, de criação de novos sentidos. É nesta zona instável – entre o reconhecimento da determinação e a aposta na abertura – que se situa a sua força política e poética. Porque compreender o discurso é começar a libertar-se dele, é abrir espaço para novas formas de existência, para enunciações ainda não previstas, para subjetividades ainda não codificadas.

E talvez seja aí, precisamente aí, na fenda do sentido, no intervalo entre o dito e o por dizer, que possamos imaginar outras formas de amar – mais livres, mais humanas, menos maquínicas. Talvez possamos encontrar, na análise rigorosa dos efeitos discursivos, um gesto

radicalmente existencial: o de nos reconstruirmos, palavra a palavra, contra as correntes hegemónicas, como sujeitos que ousam resistir ao automatismo dos afetos e à captura do desejo. Porque, afinal, resistir é também reescrever-se. E cada análise de discurso é sempre, no fundo, um convite a reescrever o próprio sujeito.

Referências

- AGAMBEN, G. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua. São Paulo: Editora 34, 2007.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BHABHA, H. K. **The location of culture**. London/New York: Routledge, 1994.
- BUTLER, J. **Gender trouble**: feminism and the subversion of identity. New York: Routledge, 1990.
- CHAMBLISS, J. **Cultural studies and the study of video games**. S.l.: s.n., 2010.
- CHUN, W. H. K. **Programmed visions**: software and memory. Cambridge, MA: MIT Press, 2011. DOI: <https://doi.org/10.7551/mitpress/9780262015424.001.0001>
- CONNELL, R. W. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 2005.
- DERRIDA, J. **L'écriture et la différence**. Paris: Éditions du Seuil, 1967.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2000.
- FOUCAULT, M. **A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.
- HAN, B.-C. **A sociedade do cansaço**. Lisboa: Relógio D'Água, 2012.
- HARAWAY, D. A cyborg manifesto. In **Manifesto ciborgue e outros ensaios**. Lisboa: Orfeu Negro, 2000, p. 33-118.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- JENKINS, H. **Textual poachers**: television fans and participatory culture. New York: Routledge, 1992.
- LACAN, J. **Écrits**. Paris: Éditions du Seuil, 1966.
- LACAN, J. **The seminar of Jacques Lacan, Book XI**: the four fundamental concepts of psychoanalysis. New York: W. W. Norton & Company, 1981.
- LEVINAS, E. **Totalidade e infinito**: ensaio sobre a exterioridade. Lisboa: Edições 70, 2008.

MCROBBIE, A. **Feminism and youth culture: from 'Jackie' to 'Just Seventeen'**. London: Macmillan, 1991. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-1-349-21168-5>

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORI, M. The uncanny valley. **IEEE Robotics & Automation Magazine**, v. 19, n. 2, p. 98-100, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1109/MRA.2012.2192811>

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**. Lisboa: Edições 70, 2000.

ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas: Pontes, 1995.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes Editores, 2007.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1982.

PÊCHEUX, M. **Análise automática do discurso**. São Paulo: Ática, 1990.

SHAW, A. **The algorithmic imaginary: exploring the ordinary affects of Facebook algorithms**. S.l.: s.n., 2019.

TURKLE, S. **The second self: computers and the human spirit**. New York: Simon & Schuster, 1984.

ZIMBARDO, P. G. **Shyness: what it is, what to do about it**. Reading, MA: Addison-Wesley, 1982.

ZUBOFF, S. **The age of surveillance capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power**. New York: PublicAffairs, 2019.

Recebido em: 23 de agosto de 2025
Aceito em: 13 de novembro de 2025